

aluna 42, 5

S. Braga C-121



HOMENAGEM

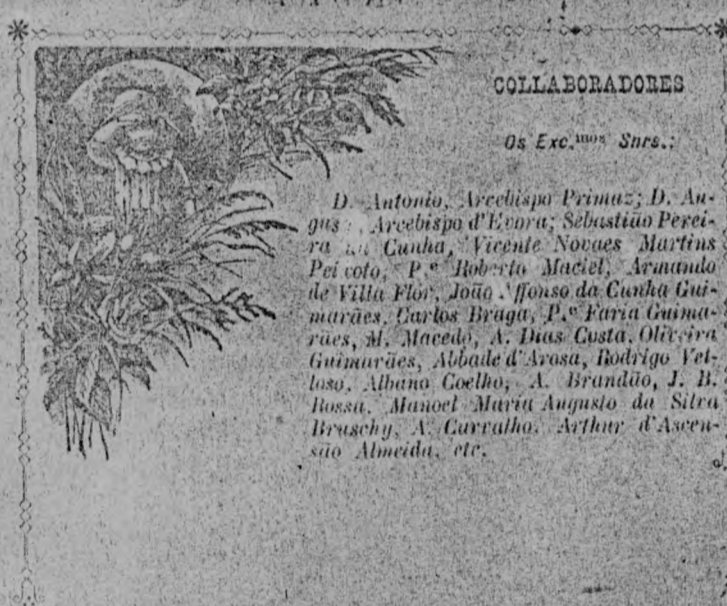
— DA —

ACADEMIA DO SEMINARIO DE BRAGA

Aos heroes de 1640

— NO —

1.º de Dezembro de 1895



COLLABORADORES

Os Exc.^{mos} Srs.:

D. Antonio, Arcebispo Primaz; D. Augusto, Arcebispo d'Evora; Sebastião Pereira da Cunha, Vicente Novaes Martins Pei coto, P.^o Roberto Maciel, Armando de Villa Flor, João Afonso da Cunha Guimarães, Carlos Braga, P.^o Faria Guimarães, M. Macedo, A. Dias Costa, Oliveira Guimarães, Abade d'Arasa, Rodrigo Veloso, Albano Coelho, A. Brandão, J. B. Bossa, Manoel Maria Augusto da Silveira Bruschy, A. Carralho, Arthur d'Ascensão Almeida, etc.



BRAGA
Typografia Lusitana
19—Rua Nova de Souza—21

1895

HOMENAGEM

AOS HEROES DE 1640

1.º DE DEZEMBRO DE 1895

PARA melhor accentuar o factor principal e unico, que nos move a tractar d'un assumpto digno por todos os motivos do mais alevantado enthusiasmo do nosso pensamento e coração, na data gloriosa e jámais olvidavel da restauração da patria, temos que ir buscá-lo á sua fonte e origem; pois nasceu elle d'uma lucta travada entre duas potencias diametralmente oppostas em suas operações—luz e trevas, erro e verdade, bem e mal. Porquanto houve um momento, em que o espirito creado, envaidecido da sua propria excellencia, julgou-a superior ao seu creador, profetindo então uma terrivel e espantosa palavra—*non seroiam*—d'onde, para logo se lhe abriu um abysmo horroroso de trevas, caos e desordem sempiterna. Tal foi a voz de Satanaz, anjo rebelde que, abalando o ceu e a terra, arrastou milhões de adeptos, que preferiram ao sublime e glorioso titulo de filhos de Deus o de escravos do orgulho, vaidade e ambição.

E d'este tão tetrico e horrivel embate de forças oppostas que se gladiam, tambem appareceu no tempo chronologico da vida humana, para a nossa nacionalidade, a infeliz sorte de deixar-se arrastar do mesmo influxo maligno, marcando no thermometro da sua peregrinação vital dias bons e dias maus, dias de alegria e dias de luto e pranto. Mas quem tal diria que a nossa querida patria, nascida como por milagre dos escombros da barbarie e baptizada com o sangue de tantos heroes, seus queridos filhos que lhe prolongaram uma existencia tão gloriosa e brilhante, inveja dos maiores potentados, se veria envolta no mais pezado luto, chorando em seu captivo de 60 annos a perda da sua mais preciosa perola—*a liberdade*, que mãos estranhas haviam arrancado da sua immaculada bandeira!

Dias maus foram esses para os nossos avoengos, passados em dolorosos prantos e lagrimas.

Um dia porém fulgente de alegria chegou, em que como por encanto e esforço sobrehumano, á denotação d'un simples signal ella reassume os nobres brios de filha querida da Cruz, despe o pezado e negro crepe de escrava que a envolve, quebra as correntes de opprobrio que a algemam e vestindo-se novamente de gala e brilho, sahê á estacada do mundo inteiro, proclamando a sua soberania e independencia.

Salve, dia 1.º de Dezembro, dia assignalado nos fastos do mundo inteiro, padrao immorredouro de perpetua gloria, triumpho para os leaes e genuinos filhos de Portugal! Somos mocidade entusiasta e inexperiente pa-

ra ajuizar o porvir de futuros successos, que de má catadura se nos antolham; não deixaremos, porém, passar despercebido aos nossos viudouros, que não somos indifferentes ás desditas e glorias da nossa patria, porque a amamos como mãe, a ponto de dar a vida por ella.

Tal o factor unico e principal da nossa missão em festejar com todo o enthusiasmo do nosso coração os heroes de 1640, que nos deram a liberdade e a independencia.

A commissão.

DEXTERA tua, Domine, magnificata est in fortitudine: dextera tua, Domine, percussit inimicum.

Exod. cap. XV v. 6.

Repleti sumus mane misericordia tua et exultavimus, et delectati sumus omnibus diebus nostris. Laetati sumus pro diebus, quibus nos humiliasti, annis, quibus vidimus mala.

Psalm. LXXXIX vv. 14, 15.

Braga.

Antonio, Arcebispo Primaz.

Solemnia dies

DO orgão sóa a voz; sob a sagrada abobada Eleva-se a alma a Deus nos vôos da oração; E um reino, resgatado, em pé sobre dois seculos, Alça os braços ao céo, celebra a redempção.

E' justo esse festim. Uma nação indómita Já não sepulta a fronte em lutozoso dô; Junctou á propria historia a mais brilhante pagina, E—sou livre!—escreveu das oppressões no pó!

E' generon-se o escravo, e, erguendo-se, com impeto, Tritara no caminho um sceptro collossal, E arroja, por trophéos, as lascas do ergastulo, Clumbadas n'essa algema imposta a Portugal!

Commettimento heroico, eu te saúdo em extasis! Ao templo! e eleva, ó povo, o incenso, e as orações; Vae ás graças depôr, submisso, aos pés do Altissimo, D'onde dimana a força e a vida das nações!

Portozello.

Sebastião Pereira da Cunha.

Vicção da História

(FRAGMENTO)

CORREM pouco propícios os tempos a Portugal. Por entre tormentosas borrascas e traçoceiras syrtes vai singrando a custo este pequeno baixel, que outr'ora empavezado e ovante sulcava *mares nunca d'antes navegados*.

Funesta alluvião de desacertos e desventuras parece apostada a riscar do mappa da Europa e expôr á irrisão do mundo o nome d'este povo, que á Europa abriu os caminhos do Oriente, e ao mundo ensinou quanto pôde

*... amor da patria, não morido
De premio vil, mas alto e quasi eterno.*

Entre as causas da nossa decadencia, avulta como principal o esmorecimento da fé religiosa.

A creença é não só o principio e o fundamento da vida na ordem sobrenatural, mas tambem na esphera natural a origem e a condição de toda a actividade fecunda, de toda a grandeza e prosperidade legítima.

Com o desmaiar da fé e o consequente afrouxar do sentimento religioso, vem,—por effeito d'uma lei psychologica, de que a consciencia individual e a historia das nações dão claro testemunho,—o abatimento das aspirações, a perversão dos costumes, o definhar das raças, o enlanguescer dos caracteres. Tudo se materializa, tudo se estagna e corrompe, desde que se suspende o movimento vital que nas idéas e nas acções humanas imprime a Religião.

O nosso paiz pôde servir de exemplo frizante a esta lei.

Fomos felizes, quando fomos crentes; se a fé renascer, a prosperidade voltará.

O Deus, que visivelmente protegeu aquelle punhaldo de heroes que no famoso dia 1.º de Dezembro de 1640 libertou do jugo estrangeiro o solo sagrado da nossa patria, velará ainda por nós e afastará d'ella os perigos que a ameaçam, e os infortunios que a avexam, se, sacudindo a nossa ignavia e emendando os nossos erros, começarmos por atear no intimo d'alma o puro e vivo lume da fé e do amor á bendita Religião de nossos paes.

Mereça Portugal o titulo de *fidelissimo*, e poderá ser ainda felicissimo!

† Augusto, Arcebispo d'Evora.

19 de 1895

No 1.º de Dezembro

Ao som dos hymnos exóticos
Não sei ligar duas aréas:
—Mais que os bombos patrióticos
Me inspiram as pandeiréas.

Vicente Novas

VIVA PORTUGAL LIVRE!

DUAS nações irmãs, qual d'ellas a mais gentil e mais nobre, tendo sido embaladas no mesmo berço de uma península e coroadas pela mesma concha azul do ceo, cravejada de topazios, de rubis e de saphiras chegaram a desavir-se.

A que se imagiou mais forte, e de certo foi mais sagaz, obteve com promessas e caricias que a outra lhe declarasse submissão. Em seguida, arvorando-se em senhora, principiou a tractar a irmã como escrava.

Conhecido o engano e a truição, a infeliz amofiuava-se e querie desatogar a sua immensa dôr em amarguradas e bem sentidas queixas; mas as palavras ficavam-se-lhe estranguladas na garganta.

Olhava para si e via-se desprezada.

Possuirá um manto de soberana; mas rasgaram-lh'o no solo ardente africano de Alcacerquívir, por conta da imprudencia d'um Rei de verdes annos. A irmã tirou-lhe dos hombros essa reliquia e disse-lhe:—*Deixa o que não te pertence!*

Cada vez mais pobre, cada vez mais humilhada, pedia allivio e animo á verdura dos seus campos, ao lucido crystal das suas fontes, ao murmuro dos seus rios, ás variadas rosas dos seus jardins, porque todos eram testemunhas da sua grandeza de outr'ora; mas parecia-lhe que de toda a parte vinha esta dolorosa lamentação:—*Infeliz, infeliz!*

Procurou no ceo a sua estrella de gloria, que tantas vezes a deliciara com o seu brilho, e não a encontrou no mesmo sitio; mas depárou-se-lhe quasi eclipsada a sumir-se no horizonte!

N'este comenos a irmã atreveu-se a commetter mais outra violencia e exigiu-lhe o proprio sangue das suas veias e o sacrificio dos seus filhos mais queridos. Era exigir de mais a quem já havia soffrido muito.

A opprimida, inspirada n'aquella sublime coragem, que nasce e cresce defronte das grandes injustiças, clamou de rosto levantado—*Viva Portugal livre! Viva El-Rei D. João 4.º!*

A oppressora ficou tomada de espanto; porque ouvira o nome de *liberdade* e o d'um rei portuguez.

Desde a gloriosa data do 1.º de Dezembro de 1640, todos os esforços da Hespanha para reaver a sua presa cahiram frustrados aos pés da *Liberdade* e á vista das armas do corajoso exercito portuguez.

O periodo de dous seculos e meio bastou para aniquilar odios arraigados, mas não pôde extinguir o fogo santo, que arde no altar sagrado do amor da patria. Quando vejo o fervor e o entusiasmo da juventude pela liberdade e pela independencia de Portugal, imagino que vem surgindo lá adeante a aurora da redempção da nossa querida patria. Oxalá que assim seja!

Braga 25 de novembro
de 1895.

Martins Peixoto.

1640-1895

GRA então um punhado de bravos, apenas; luctaram, mas venceram. Corria-lhes nas veias o sangue de Afonso Henriques; aquecia-lhes a alma a fé ardentíssima de Izabel, a *sancta*, de Henrique, o *infiante* casto e virtuoso. Soffreram o egoismo, deram lustre ao torrão que os viu nascer.

Hoje, ainda é um punhado apenas que lucta e ha de vencer. Ha de vencer o *indifferentismo* de muitos, o *egoismo* da maior parte, a *reluctancia* d'um pequeno numero.

Chamem ás armas, alistem a sua gente, que é trabalho tirado aos catholicos. Estes, firmes nas suus crengas, leiam a pagina historica de 1640, avancem e não trepidem.

Quando por Deus, quem contra nós?

P.^o Roberto Maciel.

O GRITO DA LIBERDADE!...

CARCERE hediondo; o velho prisioneiro, Caçado, entorpecido, exausto, adormecêra. Pairava-lhe na mente o sonho lisongeiro, Da antiga Liberdade, o nome que perdêra...

O musgo e a hera enfim cobriram-lhe os braços; Ferrugem, corrompera os bellos elmos de aço!... A historia em pó escondida! e as velhas tradições Tornaram curto e languido, o giganteo passo.

No peito out'ora forte, heroico, ardia a lava, De raiva suffocada por cruel lethargo; E lento e vagaroso e a custo respirava, Um ar de tyrannia, infeccionado, amargo.

Então na frouxa voz e triste, desferia Um canto, na prisão, de gélida saudade... Se o carcere medonho, e pestillento o ouvia, Rouco de dôr e ancia, a pedir Liberdade...

Um dia, o desespero, entameceu-lhe as veias. E o sangue, affluu-lhe ao rosto em borbotões... Sacode-se nervoso, espuma... e as rígidas cadeias, Partem-se logo; é livre, já não tem grilhões!...

Braga.

Armando de Villa Flôr.

Deus nostrum

PERANTE o sentimento exclusivamente christão da fraternidade universal, que é um laço d'amor, não é licito accender odios contra os nossos irmãos. Assim o comprehendem e affirmam os sympathicos festejadores d'esta assombrosa data, saudando com toda a pujança do seu entusiasmo tão nobre e tão puro os valentes de 1640, sem estigmatizarem a nação que nos opprimiu.

Generosa e admiravel conducta que sobriemaneira realça a imponente manifestação d'hoje e denuncia o caracter do povo portuguez.

Braga—1895.

João Affonso da Cunha Guimarães.

1.^o DE DEZEMBRO

Só duas palavras, meus amigos.

Por muito tempo, hesitei em annuir ao convite a Academia de Braga. E' que me lembrava ainda da fórma como fôram o anno passado festejados os heroes de 1640.

Tudo eram saudações á Hespanha; tudo eram cumprimentos á nossa galante Irmã. Ora eu, por mais sympathia que me inspire a patria de Cervantes, por mais affecto que consagre á terra de Campoamor, Quevedo e tantos outros, sempre sinto, cá n'um cantinho da alma, o meu orgulho patrio e é por isso que, n'este momento, mal toléro que aqui, em Portugal, possa haver brados que não sejam a commemoração festiva da nossa independencia!

Carlos Braga.

IN DOLOREM

Os heroes que fizeram a conjuração de 1640, despedaçando n'um impulso de patriotismo, as ferropelas que acorrentavam o paiz, bem merecem o culto dos nossos respeitos, os applausos de todas as gerações.

Todavia, n'esta quadra lamentosa que atravessamos, a evocação dos epicos successos que abrilhantam as paginas da nossa historia, é uma saudade dilacerante, uma amarissima ironia para a alma da patria.

Braga, 22, 11, 95.

P.^o Faria Guimarães.

1.º de Dezembro

«Estas figuras todas que apparecem
Bravos em vista e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros ao conhecerem
Pela fama nas obras e nos feitos.»

Ins. Tom. 2.º Cant. 8.º Est. 11

DA minha Patria as grandezas
Não cantarei n'este dia;
Não posso n'esta poesia
Celebrar tantas bellezas.

Mas, de todo o coração
E minha mente confusa,
Te saúdo, ó Patria Luza
Com teu liberto Pendão.

Opprimiu-te a villania
D'um Filippe Castelhana,
Mas o povo Luzitano
Expulsou a tyrannia.

Valentes soldados teus,
Cheios de Fé e d'Esp'rança,
Tendo nos céos confiança
Pedem a benção a Deus.

E, se bem d'isto me lembro,
Como li na nossa historia,
Alcançaram tal victoria
No 1.º de Dezembro.

Braga.

M. Macedo.

AOS HEROES DE 1640

REMEMORAR as datas gloriosas que abrilhantam as paginas da nossa historia, é submetermo-nos ao cumprimento d'um dos deveres mais sacratissimos—a gratidão; é fomentar uma das mais acrisoladas virtudes civicas—o patriotismo. Render um preito de gratidão e sincera homenagem a esse punhado de heroes que quebraram as gargalheiras que nos ligavam á tyrannia ignobil dos Filippes—é um dever; deixar de assim proceder é uma ingratição requintada—um pseudo-patriotismo.

Honra, pois, nos academicos bracharenses que se propuzeram solemnizar, ao som de hymnos festivos e canticos patrioticos, a data para sempre memoravel de «1640», em que vimos fulgurar de novo o almo sol da nossa independencia.

Viva o dia 1.º de Dezembro de 1640!
Vivam os academicos do Seminario de Braga!

Braga—Novembro de 1895.

A. G.

PRIMEIRO DE DEZEMBRO

CELEBRA a esperançosa mocidade academica de Braga, com manifestações de patriotico entusiasmo, a data para sempre memoravel da restauração portugueza, em 1640.

Como os tempos não correm de feição a retalições entre povos irmãos, abstenho-me de longas considerações e apostrophes violentas que mais servem de incitamento a descabidas represalias, que para a crystallisação do vero amor patrio, que esse, infelizmente, parece ter enigrado dos peitos portuguezes que lhe eram natural guarida.

Só para estabelecer a saliencia do contraste é que ainda devemos lembrar esse dia, aureo para os nossos brios patrioticos, a que tristemente succederam outros de infinitas amarguras e de incomportaveis humiliações.

O Velho, inebriado pelos effluvios estonteadores de viciosos laureis, cahiu n'uma lethargia profunda, inconsciente, marasmatica, de que certamente não volta a accordar.

Os membros entorpeceram-se-lhe, as forças abandonaram-no, de geito a não poder vingar a mais pequena affronta e, sobre o seu corpo examine, quasi cadaver, avoejam, irrequietos, abutres esfomeados, prestes a banquetear-se com a appetecida presa.

O seu gesto, mais fero que o do Adamastor, não sabe já impôr o silencio do respeito aos seus inimigos, em que se transmudaram tambem muitos filhos ingratos.

Hoje os descendentes d'este fidalgo arruinado, perdularios e prodigos, sem consciencia do que valem ou poderiam valer, deixam-se resvalar pela rocha tarpeia das vergonhas mais aviltantes, não curando sequer de salvaguardar as tradições honradissimas do Velho pae.

Em 1640, uma dezena de portuguezes bastaram para terminar uma usurpação de 60 annos; centenas de portuguezes de hoje não bastam a conservar o que tanto sangue generoso custou.

Os de então em poucas horas depunham um rei intruso e aclamavam um rei portuguez.

Os de hoje em muitos annos não produzem uma medida acertada, a suster-nos no declive em que nos abysmamos.

Os de hoje...

Mas para que carregar demasiado as côres do quadro, se a realidade é por demais desconsoladora?

Se não nos aproveitam hoje as lições do passado, na sua eloquencia tão significativa, se nos não impulsam a fé e o patriotismo d'out'ora, bem podemos começar desde já a entoar a elegia do povo portuguez, elegia tremenda, como a de Anatól, sobre as ruinas da sua nação.

Se as manifestações festivas de hoje traduzem um inicio de renascimento patrio, abençoadas solemnisações, abençoada academia que tão formosas esperanças nos deixa entrevêr, atravez a caligem das desgraças actuaes.

Famalicão.

A. Dias Costa.

JOÃO DOS GUIMARÃES GOLIAS

As negociações diplomaticas do reinado de D. João IV foram para a restauração do reino d'igual, se não de maior importancia, ás luctas travadas no campo da batalha.

Na campanha o povo portuguez, cioso da sua independencia e forte pelo seu direito, encontrou sempre destemidos cabos de guerra que o conduziam á victoria, mas nas campanhas da diplomacia não era a nação tão afortunada, porque os homens de valor, systematicamente afastados desde muito dos negocios do estado, estavam poucos conhecedores dos meandros das chancellarias e porisso com difficuldade poderiam desfazer a teia emmanhada que a intriga e poderio hespanhol habilmente teciam em todas as côrtes da Europa com o fim de isolarem Portugal e novamente o obrigarem, por mingua d'apoio e recursos, a estender os pulsos ás cadeias, que a longa e dura dominação de sessenta annos havia tornado insupportaveis.

No verdor dos annos a nossa alma exulta de viva alegria e o nosso coração vibra d'enthusiasmo quando a historia nos lembra os feitos gloriosos do povo, que em Montijo, Badajoz, Elvas, Montes Claros e em outras pelejas heroicas viu a sublime bandeira castelhana derrubada aos pés da lusitana, agora que com os annos o nosso espirito procura mais detidamente conhecer as peripecias da lucta, que nos restituiu a autonomia, extasia-se admirado perante os homens, que, atravez de difficuldades sem numero, foram pouco a pouco preparando o terreno d'onde, apoz as accidentadas negociações de 28 annos, havia de surgir o tratado de 13 de fevereiro de 1668 em virtude do qual se celebrou a paz com a Hespanha e Portugal readquiriu os fóros de nação livre e independente e como tal foi reconhecido em toda a Europa.

No numero dos homens, que nas côrtes estrangeiras se desrelavam em pró dos interesses da patria, occupa honroso lugar o vimaranense dr. João dos Guimarães Golias, que na Suecia e na Inglaterra deixou firmados os documentos do seu saber e do seu patriotismo, honrando nobremente as tradições da sua familia.

Seu 5.º avô João Affonso Ribeiro, dedicado ao Mestre d'Aviz, mereceu as attentões d'este monarcha que o cognominou *Golias* pela sua corpulenta estatara e pela valorosa coragem com que desafiava a combate singular os inimigos da sua patria.

E não consta das chronicas que apparecesse um David hespanhol, que o fizesse morder a terra.

O dr. João dos Guimarães foi um dos procuradores, que assistiu ás côrtes de 1642 e abi não passou despercebido de D. João IV, que o occupou em missões diplomaticas d'alta importancia das quaes se desempenhou com honra para si e proveito para a patria.

Não é meu proposito explanar aqui os negocios, que foram confiados ao nosso diplomata; falta-me o espaço e ainda mais a competencia. Um apontamento breve serve agora para o meu intento.

Em 1647 occupava o cargo de ministro portuguez na côrte da Suecia, nação com a qual D. João IV fir-

mou alliança logo em 1641, e do modo como elle ali cuidava dos negocios portuguezes nos dá testemunho o conde da Ericeira no *Portugal Restaurado*, I, pag. 641, por estas palavras: «Em Suecia assistia João de Guimarães e propoz ajustar a liga entre este e aquelle reino com novos capitulos: e foi esta industria grande torcedor para os francezes attenderem com maior cuidado aos negocios de Portugal».

Ainda se conservava na Suecia em 1648 sustentando a bôa harmonia entre os dous paizes e d'aqui, tendo voltado ao reino, foi transferido para Inglaterra por nomeação feita no dito anno, como se vê da communicação feita ao parlamento britannico em 31 de dezembro, acompanhada das suas credenciaes escriptas em latim, portuguez e inglez, mas só foi admittido á primeira audiéncia em 10 de janeiro de 1650. (*Quadro Elementar*, XVII, pag. 60).

Os dias, que o Enviado portuguez se demorou em Londres, incumbido d'aplanar as difficuldades suscitadas entre os dous paizes em virtude da protecção dispensada nas aguas portuguezas aos realistas inglezes e da perseguição que aqui lhes movia o almirantado Blake por ordem do parlamento britannico, foram trabalhosos e cheios de desgostos. Não conseguiu chegar a um accôrdo definitivo, sendo mandado retirar dos territorios da republica dentro de 15 dias por ordem de 1 de maio de 1651, (*Quad. Elem.* XVII, pag. 72), todavia as suas cadeias não foram improficuas porque, como diz o *Port. Rest.* I, pag. 756, deu principio ao tratado de accommodamento entre as duas nações, cujos artigos preliminares foram ajustados em 29 de dezembro de 1652 e concluido o tratado em 10 de julho de 1654.

João dos Guimarães em recompensa dos seus serviços recebeu o fóro de moço fidalgo e a commenda de S. Miguel da Caparrosa no bispado de Vizeu e falleceu exercendo o cargo de deputado da Mesa da Consciencia e, diz um genealogista cuja obra manuscrita existe na bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento, n.º 6019 do Catalogo, maiores honras e mercês usufruiria se a morte o não arrebatasse á patria que tão dedicadamente serviu.

Vem talvez a proposito lembrar as palavras do celebre sermão prophético intitulado *Retrato de Portugal Castelhana*, prégado em Guimarães no padrao de Nossa Senhora da Victoria em 14 d'agosto de 1638 pelo guardião do convento de S. Francisco da dita cidade, Fr. Luiz da Natividade: *quando fallamos em honras e glorias portuguezas não sei se é mais occasião para chorar magoas presentes que para celebrar glorias passadas; não obstante aqui ficam estas breves indicações para lembrar os serviços d'um vimaranense illustre de quem legitimamente devem tambem orgulhar-se os bracharenses porque elle foi na formosa capital do Minho escolher esposa, D. Maria de Mello Falcão, filha d'Estevão Falcão de Mello e de D. Margarida d'Araujo, da nobre casa dos Falcões, a qual, depois de viuva e sem descendencia, professou no mosteiro de Santa Clara de Guimarães.*

Tagilde, 1895.

Oliveira Guimarães.

LIBERDADE

CSPLENDIDO sol
que inundas a terra,
e o mundo revolto
Abrigas da guerra.

Estrella polar,
que em mar procelloso,
evitas ao nauta
um fim temeroso.

Tu foste gerada
do sangue da cruz;
tua vida é vida
do doce Jesus.

Encanto e broquel
de todos os povos,
saudam-te os velhos,
adoram-te os novos.

Abba de d' Arosa.

1.º DE DEZEMBRO

PORTUGAL! hasteia o teu pavilhão, ergue altivo tua
frente e diz á vetusta Hespanha que teus filhos
descendem de heroes.

Descobre-lhe orgulhoso o emblema da liberdade e
dize-lhe que foste tu quem primeiro rasgou esses espa-
çosos lençoes de espuma na conquista de mundos gigan-
tescos.

Accorda, desentorpece, pois teus filhos não esque-
ceram ainda o grandioso feito, esse dia em que tu des-
fraldaste o pendão das quinas.

Que és grande, dil-o a tua bandeira impavida que
jámais trepidára no mais acceso das batalhas.

Que és grande, dizem-no as vagas alterosas do
Ceylão que iam espraiair-se na fulva arêa aos pés do teu
illustre Gãma.

Que és grande, dizem-no os intrepidados guerreiros
de Ourique e Aljubarrota, dizem-no as tuas conquistas
de Ceuta e Evora.

Que és grande, dizem-no o retinir das espadas, o
troar dos canhões, os tropheus de gloriosos combates e
os louros immarcessiveis que te cingem a frente.

Que és grande, dil-o o facho luminoso da fé que
tu levaste impavido a paragens tão longinquas: dil-o Ca-
mões na sua epopêa, sem par.

Que és forte, dil-o o teu grande e preclaro João
Pinto Ribeiro.

Ergue-te, portuguez illustre, ergue-te, heroe e vem
vingar e saudar aquelle grito unisono—independencia,
independencia!

A. B.

ESCRIVENDO hontem para numero unico, com que a
mocidade academica do Lyceu de Vianna do Cas-
tello commemorará o glorioso anniversario da nossa res-
tauração no 1.º de dezembro de 1640, saudamos com
enthusiasmo seu commettimento, por bem testemunhar
este que ainda apagado não está de todo entre nós o
santo amor da patria, e que se para a grande maioria
dos portuguezes arrastada pelo exemplo d'aquelles
a quem mais corria o dever de manter, aviventar e con-
sagrar as tradições radiantes do nosso passado, esforçan-
do-se por levantar o paiz á plana a que por ellas, por
sua situação na Europa e por suas condições naturaes,
tem incontestavel direito, é verdadeiro, em seu torpe
egoismo, o verso do velho poeta latino citado por Cicero

Patria ubicunque bene est

para os moços, unica esperanza de reviviscencia que
resta ao velho Portugal, a patria é ainda o primeiro, o
mais sagrado, o mais vivido dos amores, e aquelle em
que se reunem e fundem todos os outros como sendo
sua terra bendita o tumulo sempre reverenciado de nos-
sos paes, o ninho aconchegado e sempre saudoso de nos-
sa familia, a estancia sempre presente de nossas primei-
ras e mais caras affeições, o berço sempre luminoso e
radiante de nossos filhos, e a derradeira e appetecida
morada para nossos corpos no mesmo solo que encerra
o de nossos maiores.

Com enthusiasmo egual venho eu hoje acelamar a
mocidade academica do Seminario de Braga, em cujos
corações vejo ateiado fogo não menos antrido, vivificante
de luz e calor, por este lastimando Portugal, justifican-
do bem com elle e com o culto com que venera seu pas-
sado, e com o incitamento n'elle para que melhor lhe
seja o futuro do que o está sendo o desgraçado presen-
te, quão verdadeiras as palayras de Chateaubriand, o
immortal escriptor cuja memoria, pelo muito que pugnou
em prol do christianismo, deve ser gratissima á acade-
mia do Seminario de Braga—O amor da patria é in-
nato no coração do homem, e é elle tanto mais forte,
quanto mais desgraçados somos.

Barcellos 27 de
novembro de 1895.

Rodrigo Vellozo

Ceu de Portugal, radiante, constellado,
Que servia de tecto, ou doce pallio iriado

A um povo ardido em brio,
Cobrira um crêpe negro, ou tunica de escravo
Que sentisse captivo o braço forte e bravo
Em cárcere sombrio.

Alfin, o sólo treme em rijas convulsões.
Agita-se o opprimido; os péridos grilhões
Estalam com violencia.

Então no bello ceu do Portugal valente
Resurgiu, triumphante, o disco aurifulgente
Do sol da Independencia.

Braga.

Albano Coelho.

Com verdade, hoje, não corre a independência nacional perigo immediato, que lhe provenha da fronteira de léste.

As dynastias e os governos das duas nações peninsulares vivem na mais cordeal e sympathica harmonia. Respeitam-se e auxiliam-se até prudentemente contra um inimigo commum, que é o—radicalismo.

Mas ainda não vae longe o tempo—tempo de grande perturbação, que findou—em que, por entre as notas de um hymno, que, por ironia, se chamava—*a Portuguezia*—e as manifestações, ainda mais ironicas, ao grande patriota *Camões*, se ouvia distintamente em Lisboa e Coimbra e Porto o vivorio estonteado á—*republica federal iberica*. Esta *federal* era a fórmula *moderna*, com que, artemente se convidava o pobre povo lusitano a prescindir da querida independência.

E se os tramas secretos d'então triumphassem... Santo Deus!... que formidavel inundação de venturas fecundaria este sólo portuguez!

Bem mereço porisso a mocidade, recordando datas gloriosas da historia patria.

Demais, um povo, que tanto tem declinado e soffrido, precisa, para que possa encerrar o futuro com esperança de vencer a adversidade e coragem de lutar pela autonomia, precisa, pela lembrança do passado, aquecer o sangue na meditação dos heroicos feitos de seus maiores e comprehender, sobretudo, esta verdade historica—que Portugal só foi grande em quanto a sua fé foi ardente.

A. Brandão.

1640

Povo illustre em virtude e valetim,
Como jámais houve outro, singulares,
Conseguiu descobrir ignotos mares
E mundos, onde nasce e morre o dia.

O mais vasto e o mais rico imperio erin
Na Africa, America e Asia entre palmares;
E regenera povos a milhares
A luz que do evangelho se irradia.

Mas rapido attingindo o heroismo,
Resvalou tambem rapido no abysmo
De infinda e de voraz profundidade.

Infinda? Não; que altivo e indomavel
N'uma hora resurgiu inquebrantavel
Das trevas para o sol da liberdade.

J. B. Rossi.

A PROPOSITO

DESDE que em Ourique levantámos um rei, e em Almacave fizemos uma lei, viemos pela historia, atravez dos seculos, erguendo luminosos marcos de immorredouras glorias, que por espaço nos illuminavam e enalteciam.

Eramos grandes; caminhavamos com o proprio brilho.

E tão grandes fomos no passado; de tal brilho são as tradições: que d'estas vivemos em meio da pequenez actual, e n'aquelle nos refazemos para as contingencias do futuro.

Se, por acaso, um dia, aquellas glorias se enublaram com o pó levantado nos areaes de Alcaeer pelo baquear de uma dynastia grande: menos de um seculo passado vibrava em fremitos de arrojo a alma popular, sedenta de novas glorias, e de novo brilho. Como que nos faltava a luz para continuarmos a caminhar na historia!

Veio trazel-a o 1.º de Dezembro de 1640!

De novo levantámos um rei nosso; de novo fizemos leis nossas; de novo nos abraçámos á fé; e com esta, com aquellas e aquellé, tornamos a ser grandes, continuamos a peregrinação historica, illuminando-a sempre com heroicos feitos.

Hoje vamos em tenebroso meio; offusca-nos essa luz que o passado nos envia; envergonhamos-nos de nós proprios; tememos pelo futuro.

Mas quando o anniversario da Restauração desperta ainda tão generosamente os brios nacionaes em corações juvenis; e não duvidamos fitar com saudosas vistas esta data gloriosa; alenta-se-nos a esperança de que proximo levantaremos outro luminoso marco, que fixará, talvez, a virilidade da minha e vossa geração, da geração que vae passando.

Manoel Maria Augusto da Silva Bruschy.

Hoitem e hoje

A alma negregada de Miguel de Vasconcellos ha-de ter exultado perante os desaires que vem soffrendo esta nossa patria infeliz.

Os vexames que temos supportado, as bofetadas que nos vibram, o despotismo que nos avilta, são para a memoria do traidor uma vingança, que elle teria celebrado á gargalhada, se as gargalhadas fossem permitidas no outro mundo.

Realmente, a que está redusido Portugal, com a sua independência seriamente compromettida e a sua liberdade ha muito conspurcada?

Em 1640, os portuguezes, depois de 60 annos, de captivo, acharam ainda forças no seu valor para expulsar os dominadores hespanhoes.

Agora, volvidos 60 annos de successivos erros que nos levaram ao pendôr do aniquilamento, não temos animo para nos corrigir, para sacudir o jugo deprimente do mais pernicioso dos flagellos—a falta de amor patrio.

A. Carvalho.

SALVÉ

DESPONTAM esplendentes auroras no sombrio horizonte do nosso Portugal.

A patria rejuvenesce, vigoriza-se e aliena-se do morbido lethargo em que jazia. Myriades de flôres chegam sobre o seu solo. Desperta ao som de hymnos que vibram em sua alma n'uma profunda nostalgia e irrompe freneticamente cantando trophéos, respirando liberdade. Dissipa-se o véo tenebroso que a envolve e é inundada por feixes de luz. Ha sorrisos de alegria em todos os labios, arrancos de enthusiasmo em todos os corações. E' a commemoração d'um dia que fulge radiante de gloria nas paginas da nossa historia patria, o dia 1.º de Dezembro de 1640.

E' um povo a saudar um punhado de bravos que, encorajados pelo amor patrio santo e nobre e puro, romperam as gargalheiras que nos prenderam a um captivo de 60 annos. Mocidade, sirvam-te de incitamento os gloriosos laureis dos nossos antepassados, para salvares Portugal que quasi agonisa no estertor d'uma morte affrontosa, succumbindo em um egoismo febril, em uma immoralidade desenfreada. Se assim não fór, quando já não exista uma fibra do seu depauperado organismo, as outras nações n'uma sarcastica gargalhada chamar-lhe-hão suicida, apontal-o-hão como um paiz que se despenhou espontaneamente no negro abysmo que lhe causou a ruina.

Então, ó vergonha, a brilhante auréola que nos cingia, será eclipsada para sempre.

Não desesperemos. Ainda ha portuguezes em cujas veias pullula o sangue que engrandeceu a nossa patria. Salvé, dia 1.º de dezembro! Salvé, valentes heroes! O vosso nome será sempre saudado enquanto no ceu rutilar uma estrella, no mar rolar uma vaga e no prado desabrochar uma flôr.

Arthur d'Ascensão Almeida.

Religião e Patria

Dois imperiosos deveres a que ninguem se pôde furtar sem que se macule com a nódoa de perversidade, estão imminentes a todos os portuguezes, sem que deixem uma excepção em favor do nobre ou do plebeu. Religião e patria—eis os dois laços inquebrantaveis que a todos unem e que a todos obrigam.

A religião, esse vinculo que liga o homem a Deus, tem a caracteristica da santidade; a patria, o berço dos nossos heroes, tem a caracteristica de nobreza. A primeira, toma-nos o coração e promette-nos um futuro na eternidade d'uma doçura interminavel; a segunda, toma-nos o corpo e assegura-nos no presente a nossa independencia e liberdade. Ambas, pois, merecem o respeito de todos os cidadãos, de todos os que se dizem filhos de Deus e da patria, porque ambas tomam a seu cargo o nosso bem estar tanto do presente como do futuro, hon-

rando-nos com os seus pergaminhos, titulos de tanta honra e nobreza.

A patria deu-nos o nascimento, a religião a vida; uma legou-nos a sciencia, outra as conquistas; esta os sabios, aquella os heroes; n'uma, pela sciencia, e santidade, veneramos os Aquinos, os Agostinhos, os Liguoris etc., n'outra, pelos dotes naturaes e intellectuaes respeitamos os Camões, os Vieiras, os Gamas, os Albuquerque, os Ribeiros e tantos outros cujos feitos illustres tornaram brilhante a nossa historia; á religião devemos a fé, á patria o renome, a ambas da nossa parte amor, respeito e veneração.

Portugal reune na sua bandeira, que representa a patria, a cruz e as chagas de Christo que symbolisam a religião; e d'ahi vem não podermos amar a religião sem que tributemos todo o respeito á patria, ou desprezar uma sem ferir gravemente a outra.

Seminario.

R. L.

SALVÉ, PORTUGAL!

PORTUGAL, o heroe de descommunal corpulencia, o gigante de bronzea musculatura, o titan unico que havia estendido os seus dominios até onde Apollo cobre a terra e os oceanos; Portugal, o povo sempre memoravel a quem, ao só pronunciar-se o seu nome, os potentados se rendiam e as cervizes mais altaneiras e temiveis se curvavam reverentes; Portugal, o nauta que subjugou o minotauro dos mares, o assombro que ao mundo dictou leis, pela imprudencia d'um rei fogoso e empreendedor, com este quasi se sumira nos extensos areaes da adusta Africa.

D'este facto, assás doloroso para lacerar um coração prehe de patriotismo, resultou o cair ruidosamente sob as garras do Leão de Castella, á guisa do baquear d'um athleta extenuado.

Mas a oppressão era enorme, o acabrunhamento desolava.

A' corôa real eram roubadas as perolas d'alem-mar, ao nome portuguez o seu prestigio.

Isto não podia continuar assim. O povo que fóra senhor, não consentia em ser escravo.

Foi então que um punhado de valentes em cujas veias refervia ainda o sangue azul dos heroes de Ourique e Aljubarrota, n'um fremito de frenesi que delirava, fizeram pedaços os grillhões que manietavam.

E para logo estrugiram nos ares, repercutindo-se do norte ao sul de Portugal e echoando nas populosas cidades, como nas solitarias aldeias, os gritos espontaneos, vibrantes e entusiastas:—viva a liberdade, viva D. João IV!

Salvé, propugnadores da nossa liberdade, combatentes imperterritos, portuguezes de lei!

Salvé, heroes de 1640, restauradores da nossa autonomia, pleiade de bravos, amantes da patria!

Salvé, destenidos lusitanos em quem poder não teve a morte!

Salvé, glorioso Portugal!

A. J. S.